

Acompanhe o troca-troca de moedas

Nove vezes no século o Brasil mudou de moeda como remédio contra a inflação alta e a desvalorização

REIS
De 1889 a 1942

CRUZEIRO
Criada em 1926, só circulou de 1942 a 1967

CRUZEIRO NOVO
Circulou de 1967 a 1970

CRUZEIRO
Perdeu a palavra novo e valeu de 1970 a 1986

CRUZADO
Vida curta: durou de 1986 a 1989

CRUZADO NOVO
Um ano apena vida dos brasileiros: 1989 a 1990

CRUZEIRO
A volta da moeda também durou pouco: de 1990 a 1993

CRUZEIRO REAL
Com a queda do Collor, subiu uma nova moeda, de 1993 a 1994

REAL
Nascida em 1994, permanece até hoje



58 Inflação de 1,113 quintilhão em cem anos levou a 9 mudanças de moeda

Brasileiros convivem com corrosão do poder de compra desde o século XIX

Cássia Almeida

• Se um pãozinho custasse um real no início do século XX, somente com 11 quatrilhões de reais seria possível comprar o mesmo pãozinho no ano 2000. O exemplo ilustra de maneira simples o que aconteceu com a moeda brasileira ao longo do século passado. Durante o período, o Brasil conviveu com nove moedas diferentes, sem contar os cortes de zero, como remédio para o efeito da inflação explosiva que corroia o poder de compra do brasileiro.

Depois dos réis (de 1889 a 1942), o Brasil já teve cruzeiro (1942 a 1967), cruzeiro novo (1967 a 1970), novamente cruzeiro (1970 a 1986), cruzado

(1986 a 1989), cruzado novo (1989 a 1990), cruzeiro mais uma vez (1990 a 1993), cruzeiro real (1993 e 1994) e real (1994 até hoje). A inflação anual média no século foi de 45,2%.

Salário-mínimo perdeu 50% de seu poder de compra

O convívio com a inflação remonta ao século XIX. Durante os anos 30, porém, variou pouco: cerca de 6%. Bem perto dos 5,5% de inflação almejada pelo atual governo para o próximo ano. Nas décadas de 60 e 70, ela alcançou 40% ao ano. E não parou por aí. Avançou ferozmente, atingindo 330% ao ano em 1980 e 764% entre 1990 e 1995. Somente com o Plano Real a inflação cedeu para

8,6% ao ano, de 1995 a 2000.

“A inflação mostra tendência secular de crescimento. Situando-se abaixo dos 10% ao ano nas primeiras décadas do século, a taxa anual cresce de forma exponencial, ultrapassando os 1.000% ao ano em vários anos das duas últimas décadas”, afirma Eustáquio Reis, no capítulo sobre contas nacionais.

Com a inflação, a perda do poder de compra do salário-mínimo, criado em julho de 1940, foi de 50% no Rio e São Paulo, em comparação com o pico de sua existência, em 1950.

Até encontrar instrumentos que pudesse indexar a economia, o governo praticamente deixou de emitir títulos públicos. A aceleração inflacio-

nária reduziu a relação entre a dívida do governo e o Produto Interno Bruto (PIB) a míseros 0,5%. Em salvação ao financiamento do governo, a correção monetária nasceu. A dívida mobiliária federal cresceu de 5% do PIB para chegar a 100% do produto em 1980 e cair para os atuais 50%.

Imposto inflacionário atingiu 14% em 1990

Outra medida do estrago da alta desenfreada de preços foi a transferência de renda com o imposto inflacionário. Passou de 7% nos anos 60 para 10% em 80, atingindo seu pico em 1990, com taxa de 14%. A estabilização levou esses índices a níveis desprezíveis. ■